



Coleção de Literatura
Brasileira

A ALMA DO LÁZARO

José de Alencar

Alfarrábios

ADVERTÊNCIA

Este alfarrábio, não o devo ao meu velho cronista do Passeio Público. É, como se disse no prólogo, uma escavação dos tempos escolásticos.

Tem ele porém, se me não engano, o mesmo sabor de antiguidade que os outros, e ao folheá-lo estou que o leitor há de sentir o bafio de velhice, que respira das cousas por muito tempo guardadas.

Para alguns esse mofo literário é desagradável. Há porém antiquários que acham particular encanto nestas exsudações do passado que ressumam dos velhos monumentos e dos velhos livros.

Rio de Janeiro, dezembro de 1872.

PRIMEIRA PARTE

A ALMA PENADA

Triste irrisão é a glória. Quantos engenhos sublimes, criados para as arrojadas concepções, que ficam aí tolhidos pelo estalão do viver banal, senão sepultos em vida na indiferença, quando não é no desprezo das turbas?

Também quanta ralé, feita para patinhar no pó, que se ala as eminências, insuflada pelos parvos, e se apavona com as galas da celebridade?

E dizer que homens de são juízo labutam ou porfiam após esse fogo4átuo, e deslumbram-se a ponto de esquecerem afetos e bens, sacrificados em má hora à ilusão falaz!

Lá volvem os anos; e um dia vem à flor da terra o crânio que foi um poeta, ou um herói. Quem se importa com o sobejo dos vermes? É um pouco de cal e nada mais. Não tarda que a pata do homem ou do bruto passando por aí triture esse pó, a que animou outrora o sopro de Deus, *mens diviniior*.

O autor do *Diário do Lázaro* foi um de tantos engenhos, atados à grillheta da miséria Poeta desconhecido, enquanto a sua alma inspirada se derramava em ânsias e prantos, o bestunto de muito zote agalocado lá se estava enfunando com os aplausos, furtados à virtude e saber.

Foi há muito tempo.

Era eu estudante na academia de Olinda. Tinha então dezenove anos, e sentia minhas quedas para a poesia, mas pela poesia plebéia, em prosa estirada, que isso de verso é cousa com que não se conformava o meu espírito. Vão lá medir o pensamento, rimar as paixões?

Muitas vezes sucedia-me nas vigílias do estudo apanhar o *eu* em flagrante delito de literatura, a idear romances e fantasiar dramas, enquanto lá o outro, o estudante de carne e osso, tressuava às voltas com o *Corpus Juris Civilis*.

Qual é a alma que nas primeiras expansões da vida, a dilatar-se pelos largos horizontes desta terra do Brasil; a embeber-se nas ondas de luz que imergem essa porção mimosa da criação; a coar-se nas harmonias das brisas que passam pelas florestas, não solta o vôo e se arroja ao céu, embora o calor do sol lhe requeime as asas, precipitando-a num oceano, que é a dúvida!

Era poeta; posso confessá-lo agora que essa veleidade passou de uma feita e já agora não voltará mais.

Tinha a febre da imaginação que delira, envolvendo-se como em uma crisálida, no prisma de suas ilusões.

Olinda, a velha cidade em ruínas, abrigando no seio

a mocidade rica de seiva e de vida; o passado com todas as suas gloriosas recordações, e o futuro com as suas brilhantes esperanças; essa aliança misteriosa de dois mundos, de duas gerações, uma apenas em flor, a outra já cinzas, separadas pelo tempo, e reunidas pelas vicissitudes da existência humana, me impressionava profundamente.

A descuidosa jovialidade da vida do estudante, o riso franco, o dito chistoso, a magra ceia que o prazer fazia lauta, o descante livre, tudo isto que em outra cena seria tão natural, me parecia uma profanação no meio desses muros aluídos, desses claustros ermos, sobre esse túmulo de uma população extinta, à face dessa cidade múmia.

Meu gosto era vagar à calada da noute por aquelas ruas solitárias, quando cessava o arru ído, quando a palpação e o resfolgar de emprestada existência já não galvanizava o cadáver da nobre e florescente vila de Duarte Coelho.

De ordinário ia sentar-me no adro desse Convento do Carmo, esqueleto de pedra, cuja ossada gigante o tempo ainda não tinha de todo arruinado. De um lado, sobre a quebrada que faz a montanha, descortinava-se o mar límpido e calmo; de outro erguia-se a massa informe da cidade recortando o seu perfil no azul do céu.

O silêncio que pesava sobre aquela solidão era apenas interrompido pelo esvoaçar dalguma ave noturna no âmbito do claustro, pelo estalido das lendas que se abriam nos muros, e pelo atrito das escaras soltas das velhas paredes.

Às vezes a lua vinha dar a esta cena triste e grave
traços fantásticos, e um toque de sua doce
e suave melancolia. Os raios da luz pálida e
alvacentas, esbatendo-se nas pedras do átrio,
enfiaando pelas largas frestas, e debuxando nos
claros sombras esguias, criavam mil formas incertas
e vacilantes.

Era por momentos como um vasto lençol que
amortalhava as ruínas do antigo edifício; logo depois
afiguravam-se vultos de carmelitas cobertos da alva
estamena, a percorrer o claustro solitário, e a
murmurar as sagradas litanias; alguma vez
parecia-me ver passar diante de meus olhos uma
dessas lâmiãs, de que a imaginação popular em
outras eras povoou os templos abandonados.

Aí as recordações históricas, dormidas sobre este
solo, em cada pedra que tombara das antigas
construções, acordavam umas após outras no meu
espírito, e me faziam reviver na memória os dous
séculos que tinham volvido sobre as diversas
gerações de homens e de casas, de que apenas
restavam alguns nomes e alguns muros.

O mar a perder-se no horizonte lembrava-me a
flotilha de Duarte Coelho, o donatário de
Pernambuco, aportando aquela costa em 1535, e
trazendo a seu bordo a colônia que nesse mesmo
ano fundou a vila de Olinda, com o auxílio dos chefes
índios, Miraubi, Itagipe e Itabira,
e das suas tribos selvagens. Lembrava-me a
grande armada holandesa comandada por Lecoq,

que surgiu a 14 de fevereiro de 1631 diante da cidade, e em alguns dias assenhoreou-se dela com fácil vitória, pelo terror que se apoderou dos habitantes, apesar dos esforços de Matias de Albuquerque.

Lembrava-me os combates navais das forças espanholas e portuguesas contra os holandeses, especialmente o de 12 de setembro de 1631 em que Pater, depois de sete horas de peleja, batido por Oquendo, abandonado da tripulação em sua nau presa das chamas, preferiu à salvação, que tinha por desonra, uma morte gloriosa, e, envolvendo-se na bandeira nacional, sepultou-se no oceano, *único túmulo digno de um almirante batavo*.

O istmo, os Fortes do Mar e de São Jorge, o antigo Colégio dos Jesuítas e o Convento de São Francisco, recordavam a resistência heróica dos poucos que não abandonaram o seu general na defesa da colônia, mas que afinal foram obrigados a ceder ao número.

Os edifícios em ruína ainda tinham gravados nos seus muros os vestígios do incêndio que em 1631 os holandeses lançaram à cidade, quando reconheceram a impossibilidade de conservá-la e a necessidade de concentrar-se no povoado do Recife. Além, a várzea que se estendia pela margem direita do Beberibe, semeada de quintas e de jardins, apresentava ainda o sítio desse Arraial do Bom Jesus, centro da resistência heróica, com que durante o espaço de cinco anos os pernambucanos fizeram esquecer por feitos e ações gloriosas, dignas da idade homérica, um momento de fraqueza e temor na rendição da colônia.